

2a. PARTE : DEBATE

A CRISE ATUAL DO CAPITALISMO

1. Como você considera o papel da indústria de informática? Ela é capaz de iniciar um novo ciclo de expansão capitalista? Qual o impacto da informática no nível de emprego?

As duas partes da pergunta indicam a contradição. Há muitas possibilidades tecnológicas para uma reorganização total dos serviços, dos transportes e de todos os aspectos da vida econômica. Existe esta possibilidade, teoricamente, com a microeletrônica e robôs. Há, porém, o grande problema que vai ocorrer com o emprego, os investimentos e as vendas. A economia capitalista não produz pelo prazer de produzir, mas para vender com lucros. É a utilização dos robôs, que traz muitas vantagens para os capitalistas, tem a enorme desvantagem de não comprar mercadorias. Assim, todas as medidas que suprimam maciçamente os empregos, reduzirão maciçamente os investimentos, não favorecendo, de nenhuma maneira, uma reorganização orgânica da economia capitalista.

dois processos: o aumento do lucro e a expansão do mercado, e o robô pode aumentar o lucro, mas não expandir o mercado.

2. Como você avalia ou considera as contribuições dos economistas franceses Libier e Barjer, que têm trabalhado na evolução das condições de acumulação de capital através do conceito de regulação? E como você situa essas contribuições em relação à teoria das ondas largas da acumulação capitalista?

Há uma certa coincidência e uma discrepância fundamental entre a minha posição e a dos companheiros citados. A coincidência é que é verdade que, na história do modo de produção capitalista, cada uma das ondas largas / expansivas que ocorreram depois da revolução industrial aquela após a Revolução de 1848, a do início de período imperialista entre 1893, a da 1ª Guerra Mundial e aquela depois da 2ª Guerra Mundial – estão ligados a novos modelos e novos, digamos, marcos da acumulação do capital.

A discrepância com esses economistas, esses companheiros, é a seguinte: eles acreditam na auto-regulação do capitalismo, quer dizer, acreditam que

a passagem de uma depressão a um novo período de expansão é automática e inevitável. Isso implica que o regime capitalista vai perdurar para sempre. Porque a cada crise sempre vai suceder um novo período de expansão.

Não concordo com isso, pois, quando examinamos as grandes voltas históricas que iniciaram as ondas largas expansivas, percebemos que a pré-condição para a realização de um novo modelo de acumulação capitalista é sempre uma mudança política e social: guerras, revoluções, contra-revoluções, derrotas ou vitórias da classe trabalhadora.

E nas condições atuais, em minha opinião, sem uma derrota profunda da classe trabalhadora internacional e do movimento de libertação nacional anti-imperialista nos países do Terceiro Mundo e sem uma repenetração profunda do capitalismo nos países em que o capitalismo está já abolido, esse novo modelo de acumulação capitalista não vai ocorrer. Esta é a discrepância com a minha teoria econômica e a teoria da auto-regulação de capital.

3. Não lhe aparece que a política desenvolvida pela Rússia hoje no mundo fortalece a corrida armamentista?

Não se pode sintetizar com uma fórmula branco/preta, com um sim ou não, darei um exemplo que seja o mais expressivo e que não disperse para terrenos diferentes de análise política: o da luta contra as armas nucleares e contra a ameaça da guerra nuclear. Estou convencido e creio que há muitos fatos empíricos que confirmam (embora não tenha tempo de citá-los aqui) que, sem a existência da União Soviética, do seu Exército e do seu armamento nuclear, o imperialismo já teria utilizado as armas nucleares contra a revolução chinesa, contra a revolução vietnamita e provavelmente, posto que, neste caso, menos seguro, contra Cuba.

Assim, apesar da política do governo soviético, de toda nossa oposição aos privilégios da burocracia (há igualdade social ou não na União Soviética?), da ausência de democracia proletária e de direitos dos trabalhadores nesse país, a existência de uma sociedade desta natureza, que é distinta da sociedade capitalista, mudou algo. E algo de muito positivo e fundamental, que é o fato de impedir a guerra nuclear, que seria o suicídio da humanidade.

Mas devo advertir que a política militarista do governo soviético, sua participação totalmente irracional na corrida armamentista nuclear, sua intervenção agressiva, reacionária, contra a revolução húngara, na Tchecoslováquia e no Afeganistão, é cínica, pois utiliza bases militares, incluindo nucleares, na Europa Oriental, apesar dos efeitos desastrosos que essas medidas causam à consciência das massas populares internacionais e, especialmente, ao movimento pacifista na Europa. E isto ajuda o imperialismo a continuar sua corrida armamentista, inclusive sua militarização nuclear.

Esta é a contradição, e nessa síntese, no terreno das armas nucleares temos toda a síntese das contradições sobre a existência e o papel que a União Soviética desempenha hoje no mundo.

4. Como você analisa o papel de Cuba, a experiência do socialismo cubano, sua relação com a União Soviética e com o imperialismo?

Creio que a Revolução Cubana foi a primeira revolução socialista depois da Segunda Guerra Mundial, dirigida por uma equipe de companheiros não controlados pelos partidos stalinistas ou de origem stalinista. Isso é evidente em vários aspectos da realidade social, econômica e política em Cuba, que é diferente daquela da União Soviética e Europa Oriental. Não que seja o ideal, pois certamente não é baseada na autogestão, na auto-administração trabalhadora, os trabalhadores não têm poderes diretos ou conselhos de trabalhadores democraticamente eleitos em Cuba. Tampouco há um regime idêntico ou semelhante àquele do Senhor Yaroljelsqui ou ao da direção da burocracia soviética no Laos.

Quando examinamos a revolução cubana nos últimos 10/15 anos devemos de modo honesto e não demagógico entender o que é Cuba: uma pequena ilha no coração da fortaleza imperialista, dependente da ajuda militar e econômica da burocracia soviética. Ajuda limitada, com chantagens permanentes e evidentes.

Exigir que Cuba afronte o imperialismo norte-americano, em todos os lugares do mundo, incluindo todos os lugares da América Central, é não somente irresponsabilidade, mas cinismo da parte de pessoas que nunca enfrentaram o imperialismo diretamente e com armas nas mãos, como fizeram os companheiros cubanos. E ainda tiveram coragem de dizer aos cubanos: "você devem defender Granada, Nicarágua, El Salvador, com as armas nas mãos", e ainda mantém mais o isolamento contra o imperialismo norte-americano. Como podem fazê-lo? um contra cem? um contra mil? Alguma vez na história da revolução russa, foi-lhes exigido que invadissem a Alemanha para defender a revolução alemã do exército alemão? Militarmente, quem exigiu isso? Por que exigir dos cubanos o que nunca foi exigido do líder Trotsky? Quando se vê as relações de força reais entre um pequeno país como Cuba e os Estados Unidos, evidencia-se a irresponsabilidade. Uma irresponsabilidade cínica.

Uma coisa é a orientação política, mas o aspecto considerado é bem diferente. Pode-se acusar ou criticar os companheiros cubanos de darem conselhos políticos falsos ou transmitirem idéias políticas falsas aos revolucionários centro-americanos, brasileiros ou argentinos. Trata-se, então, de outro assunto.

Se eu posso dar uma opinião, acho que os cubanos têm sugerido muito, a não intervenção direta ou ajuda a outras revoluções que existem hoje e são econômica e militarmente débeis.

No interior de Cuba há um regime burocrático, mas repito, não tao desenvolvido, arraigado e revolucionário como o da Rússia, da Europa Oriental e da China Popular.

Podemos dizer que o poder popular em Cuba, a nível local e de fábrica, é real. Os trabalhadores podem intervir na fábrica até mesmo para mudar coisas e dirigentes, atitude esta bastante freqüente. Mas não podem intervir na política geral, em assuntos globais, a nível de Estado ou grandes divisões para opções políticas centrais. Isto é mau e, neste ponto, os criticamos, pois estamos a favor do poder direto dos trabalhadores e do pluralismo político em todos os lugares do mundo, inclusive em Cuba.

5. Como você avalia o papel histórico dos partidos políticos, se alguns movimentos pacifistas e outros movimentos sociais, sobretudo na Europa, estão se desenvolvendo fora da estrutura partidária, evidenciando uma outra característica orgânica? E como a 4.^a Internacional avalia essa experiência?

Como você avalia a experiência de autogestão dos trabalhadores a nível da produção e da vida cotidiana? Até onde isso também não é negação e questionamento da estrutura tradicional dos partidos políticos?

O modo mais eficaz e mais fácil de enfocar o problema dos partidos políticos é perguntar-nos qual é o problema da classe trabalhadora que as massas populares devem resolver. É fácil votar sim ou não à uma greve, e para isso não há necessidade de um partido. Evidentemente que não há.

No entanto, existem problemas muito complexos: derrotar a sociedade burguesa, reorganizar profundamente toda a sociedade e tomar em suas mãos a administração de toda vida econômica e social.

E desta colocação, imediatamente, uma conclusão: não é possível dar respostas prontas, acabadas e simples a essa complexidade de problemas econômico-sociais. Estes necessitam de respostas coerentes e combinadas, que se interajam, como a da organização do ritmo do trabalho, da divisão da renda ou do produto nacional, das preferências dos consumidores, das opções entre consumo individual e consumo social, das grandes opções culturais, etc, etc.

O que podemos concluir é que, se uma Assembléia de Trabalhadores de 10.000 pessoas, ou 100 Assembléias de Trabalhadores de 10.000 pessoas vão decidir democraticamente sobre tantas questões diferentes, não haverá coerência interna nas respostas, pois, como decidirão sobre 1.000 ou 500 variantes diferentes? Vocês já viram uma Assembléia que vota sobre 500 posições? É praticamente impossível.

A única possibilidade realista de democracia proletária, de autogestão e de auto-administração trabalhadora é a liberdade de optar sobre um certo número de respostas coerentes, articuladas, que sejam 3/4/5/6/7, mas não 500, não 1.000. É demagogia dizer isso, pois 3/4/5/6 alternativas coerentes

de política econômica, social, cultural, estrangeira, etc., representam 3/4/5/6 programas de políticas, estratégias e táticas diferentes.

E há pessoas que, em diferentes partidos, difundem isso, mesmo que utilizem outras denominações.

Contra essa visão, contra o pluripartidarismo, há somente duas posições: à aqueles que optam pelo partido único, e à aqueles que demagogicamente dizem que não há necessidade de nenhuma coerência, e que se pode votar entre 1.000 variáveis. Isto é pura demagogia.

Na prática, existem muitos programas, estratégias táticas e partidos de pessoas que se organizam livremente para defender essas variáveis e/ou partido único com suas diferentes titulações.

Sou mais democrático e a favor do pluralismo partidário. O que ocorre com o movimento pacifista na Europa Ocidental, é que é uma coordenação, uma confederação, ou melhor dizendo, uma frente única de diferentes partidos e correntes. É democrática, permitindo a todos, inclusive aos meus companheiros, participar e defender suas posições.

Pois a realidade produz o pluripartidarismo, o pluralismo e a diferenciação, e frente a isto, alguns apontam como única alternativa, a repressão, a exclusão dos revolucionários, dos social-democratas, dos stalinistas, dos pacifistas, ou dos pequenos burgueses.

Dizemos que não, não devemos excluir nada. Devemos manter o pluralismo e todos aqueles que estão de acordo com o objetivo do momento, que é a abolição das armas nucleares, devem ter o direito de participar, e deve haver correntes, tendências e democracia sem limites.

Temos, aqui, uma dupla experiência histórica, a da Iugoslávia, e a da Polônia no ano de 1981, quando os trabalhadores iniciaram o movimento de autogestão das grandes fábricas polonesas, que confirmam a análise do início da minha resposta.

Na Iugoslávia, a autogestão trabalhadora decidida de cima, pelo partido comunista iugoslavo, por motivos próprios, pode ter sido muito boa, mas há uma contradição interna muito evidente, que conduz o movimento ao fracasso inevitável. Como se pode organizar uma economia dizendo que, ao nível da fábrica, os conselhos de trabalhadores são absolutamente livres para decidir tudo, inclusive despedir diretores, ou mudar o plano dos investimentos, mas que, ao nível do Estado, só há um partido, o parlamento ou a assembléia e são estes de fato que decidem a política de planificação de investimentos, as prioridades de consumo, etc, etc. Esta é uma contradição insolúvel, porque há um grande número de questões econômicas que não podem ser decididas ao nível da fábrica, e há um grande número de decisões do governo, ao nível estatal, que contradiz e destrói as decisões dos conselhos de trabalhadores a nível da fábrica. Ou há autogestão fabril local, regional, nacional e, esperamos que, no futuro, internacionalmente articulada, ou há

autogestão limitada, que conduz à frustração. É o que vem ocorrendo na Iugoslávia.

Na Polônia, no 1º Congresso do Solidariedade, os companheiros sindicalistas polacos, com uma experiência terrível de ditadura do partido stalinista, muito anti-partidários, sob influência de tendências sindicalistas, cristãs, social-democratas, possuíam uma concepção de autogestão parcialmente semelhante àquela dos iugoslavos (autogestão limitada à fábrica, pois outras instâncias serão decididas pelo mercado).

Mas possuía também, por razões históricas, um instinto de classe muito profundo e muito mais desenvolvido que aqueles dos trabalhadores iugoslavos. A história do movimento trabalhador polaco é rica de tradição revolucionária marxista, muito mais rica que aquela do movimento trabalhador iugoslavo. E esse instinto de classe, essa memória coletiva marcou as definições: autogestão fabril e mercado, mas com uma condição: aumentar a igualdade, aumentar a solidariedade e a cooperação, e não aumentar a luta entre grupos trabalhadores não fragmentar e não atomizar a classe trabalhadora.

Contudo, como se pode fazer isso se a autogestão está limitada à fábrica, se não há partidos políticos, se não há alternativas políticas e se não há pluralismo político? Impossível na prática, impossível.

E pela lógica em si, pelo seu instinto e sua consciência de classe, os companheiros do Solidariedade entenderam que se deve combinar a autogestão com o pluripartidarismo, o pluralismo político.

6. Qual a natureza do desenvolvimento do capitalismo no Brasil: atrasado, dependente, subdesenvolvido? Para você o que é capitalismo no Brasil?

Quero entender muito bem essa pergunta, porque sobre esse assunto há muita discussão. Provavelmente há muita confusão entre marxistas e socialistas do Brasil e a nível internacional. Não creio ter a última resposta sobre o assunto, porque é muito complicado, porém indicarei, digamos, os parâmetros da resposta e os dois erros que se devem evitar.

O primeiro erro é dar ao desenvolvimento do capitalismo neste país, características particulares, especiais, excepcionais, que ele não tem. Não há nada totalmente novo ou excepcional no desenvolvimento do capitalismo no Brasil. Há muitos traços comuns com o desenvolvimento do capitalismo em várias partes do mundo no passado.

Hoje, a estrutura produtiva do capitalismo, da indústria e das exportações no Brasil possuem traços muito semelhantes àqueles da maioria dos países industrializados. Esse é um parâmetro que se deve possuir. Não há nenhuma diferença fundamental entre a Volkswagen do Brasil e a Volkswagen da Alemanha Ocidental. É a mesma técnica, a mesma fábrica, diferentes salários, e a tendência histórica não é o aumento dessas diferenças, embora sobre isso se tenha falado bastante no passado.

Há um outro parâmetro: um país, uma formação econômico social, não é somente uma indústria, é o conjunto da população, é o conjunto da nação, da estrutura social, e aí sim há uma diferença fundamental entre o Brasil e os países imperialistas.

No Brasil, 40% a 45% da população é marginalizada e está em condições de miséria absoluta, enquanto, nos países imperialistas, a porcentagem é de 5% a 10%. Nos países imperialistas, 3% ou 4% da população está vivendo no campo, no Brasil, há mais que 3% ou 4%. Aqui há diferenças fundamentais entre o Brasil e os países imperialistas. E por isso, a primeira conclusão que podemos tirar é que o Brasil é uma país semi-industrializado, mas não industrialmente atrasado. Isto é falso. A indústria pode ser tecnologicamente muito avançada, mas é um país semi-industrializado, porque há esses 45% da população marginalizada e porque há o problema do campo não resolvido e isto é qualitativamente diferente do problema que existe nos países imperialistas.

Outra diferença fundamental é a correlação entre o capital brasileiro e o capital imperialista, a correlação entre o estado brasileiro e o capital imperialista estrangeiro é diferente da correlação existente entre os países imperialistas mais desenvolvidos como Espanha, Dinamarca, Austrália, Bélgica, Holanda e as grandes metrópoles imperialistas.

Há aí, também, uma grande diferença qualitativa: o Brasil está em uma situação de dependência tecnológica e financeira do capital estrangeiro que é qualitativamente diferente da dependência que também existe entre países imperialistas e diferem no que tangem à natureza.

Por isso, a definição mais correta é a que o situa como um país capitalista, semi-industrializado, dependente (não digo semi-colonial, pois isto já está superado). E isto implica em tarefas fundamentais de libertação nacional, anti-imperialistas, de expropriação do capital estrangeiro, de anulação da dívida externa (recusa de pagamento dos juros, por exemplo, desta dívida). Objetivos clássicos da revolução nacional democrática, não realizados no Brasil, o que mantém o processo revolucionário brasileiro numa dinâmica de revolução permanente, fato que não ocorre ou tem uma medida mais limitada nos países imperialistas.

Isto é uma aproximação do problema sem haver a pretensão de ser a última resposta, que somente deve ser dada pelos marxistas, ou socialistas revolucionários do Brasil mesmo.

7. Como você se posiciona em relação à revolução Nicaraguense? Você sabe que existe um partido – PST – nicaraguense ligado à Liga Internacional dos Trabalhadores, uma corrente Trotskista, que reivindica a legalidade e a participação nas eleições da Nicarágua e, no entanto, não teve essa legalidade e essa participação concedida pela junta sandinista? Qual sua posição sobre este fato?

Existem aí três questões que devem ser contestadas.

A primeira é sobre a natureza do Estado da Nicarágua. Os revolucionários nunca estão a favor da interdição, da proibição de partidos, incluindo partidos burgueses que lutam por estados burgueses. A pergunta feita pelos companheiros já implica em que consideram que há um estado trabalhador na Nicarágua. É melhor esclarecer isto do que deixar nas entrelinhas, sem entender todas as implicações dessa definição. Pois, se se diz que há um Estado trabalhador na Nicarágua, não se pode caracterizar os companheiros sandinistas como contra-revolucionários, ou como frente-popular, porque pessoas da frente-popular, ou contra-revolucionários não fazem revoluções socialistas vitoriosas, e se os sandinistas conseguiram fazer uma revolução socialista vitoriosa, é porque são bons revolucionários. Embora possamos criticá-los por muitos erros, são contudo boa gente, amigos, irmãos e tudo isto está inserido na pergunta. Por isso acho melhor explicitá-lo.

Segundo aspecto da pergunta: eu sou a favor da liberdade dos partidos burgueses nos estados trabalhadores consolidados, porque sua supressão tem conseqüências políticas muito mais graves que sua tolerância.

Se os companheiros sandinistas os toleram em plena Guerra Civil, não é por concessão do imperialismo norte-americano, é por confiança em si mesmo e isso expressa o fato de que estão convencidos que podem, ideológica e politicamente, derrotar esses partidos, e é muito melhor fazê-lo politicamente que pela repressão, muito mais eficaz política e moralmente.

Após haver dito estas duas primeiras coisas, a terceira é evidente: estou a favor do direito do PST nicaraguense de participar nas eleições, mas posso prever o resultado, 0,1% ou 0,2% dos votos, porque não tem prestígio, não participa de nenhuma maneira importante do processo revolucionário, daquele país, processo esse em que tem um papel absolutamente marginal, sem nenhuma importância.

Estou a favor de sua participação, e quando cheguei em Manágua, critiquei os companheiros sandinistas, inclusive publicamente, por não haver dado este direito a seus companheiros.

Pois sou fanático pelo pluralismo político, pela democracia proletária que é a pré-condição absoluta na realidade para lhe conferir a autoridade moral do comunismo e do socialismo revolucionário que o stalinismo destruiu. Porém, na prática, nas condições concretas da Nicarágua, tal assunto é absolutamente marginal.

8. Maio/68 na França, os Movimentos Pacifistas e do Verde da Alemanha, o PT no Brasil, o Solidariedade, não apresentam um questionamento da teoria marxista na organização político partidária e da própria concepção do socialismo?

Creio que o companheiro, que formula esta pergunta, mescla fenômenos muito diferentes que não podem ser unificados em uma mesma fórmula.

Temos dois polos opostos nessa enumeração: de um lado, o partido dos verdes na Alemanha, o movimento pacifista na Europa Ocidental e, de outro, o PT do Brasil. O PT do Brasil é um partido dos trabalhadores que tem muitas correntes, porém é um partido de massa, uma forma, como disse anteriormente, de recomposição orgânica da classe trabalhadora, como o movimento Solidariedade na Polônia, como o movimento dos Delegados dos Conselhos de Fábricas na Itália. Isto é positivo, porém não resolve, de maneira nenhuma, o problema da direção da política trabalhadora, resolve, e apenas parcialmente, o problema de auto-organização da massa trabalhadora.

O problema do partido verde ou dos pacifistas é totalmente diferente e não tem nada a ver com a auto-organização trabalhadora. No partido dos verdes não há 1,0% da classe trabalhadora da Alemanha, e no movimento pacifista há participação trabalhadora, mas com muitos outros grupos sociais. E não digo isso por ortodoxia marxista, trabalhadora cega. Eu o digo, por uma razão evidente de análise política.

Esses movimentos vão diversificar-se e já se diferencia nas grandes questões de lutas de classes. Se se considera que não há mais luta de classes, pode-se pensar que não há mais necessidade de organização de classe. Porém, caso se pense que a luta de classes é o fato fundamental da sociedade na qual vivemos, partidos, movimentos de massa, correntes que não aceitam essa idéia, vão dividir-se sobre a questão da luta de classes. E isto já está ocorrendo com o partido verde. Este, na Alemanha, tem um programa sobre muitos assuntos, mas nada diz sobre o desemprego, não há um programa sobre as 35 horas, e, quando centenas e centenas de trabalhadores brigaram por elas, os verdes, não duvido, tomaram uma posição. Alguns disseram sim à greve, outros não, porém se dividiram e diferenciaram sobre a greve, sobre a luta de classes; é inquestionável que a luta de classes é o fato fundamental da sociedade na qual vivemos.

O mesmo é dez vezes mais verdade para os pacifistas. No movimento pacifista estão burgueses, patrões, e é muito bom que a burguesia se divida. Porém ela se divide na questão da guerra nuclear, mas não se divide na questão do lucro, não há burgueses que apoiam a baixa do lucro, mas vão dividir-se inevitavelmente entre pessoas a favor e pessoas contra os direitos dos trabalhadores, a favor ou contra a greve, a favor ou contra as 35 horas, não são de maneira nenhuma, uma alternativa de organização de classe.

Maió/68, na França há uma mudança, porque é uma combinação de ambos, é uma combinação da explosão dos trabalhadores e de um grande movimento social independente, aqui, também, o balanço é muito claro, sensível e evidente.

Toda esperança de mudança social em uma direção diferente da revolução socialista e com modos e métodos diferentes da ação classista faz da revolução socialista uma utopia, fracassa e tem conduzido a uma decepção e desmoralização tremenda. Esta corrente está hoje na França decomposta, decadente e sem reação, não tem nenhuma esperança, nenhum futuro. Está esterminada.

Tudo que é recuperável, é a radicalização do movimento trabalhador, novas organizações revolucionárias, correntes de oposição no sindicato, perda do controle da burocracia stalinista sobre uma grande parte da organização. Isto é positivo, mas é decomposição do movimento trabalhador como eu descrevi anteriormente. Então, inclusive, o maio francês entra nessa popularização do problema que indico, para finalizar e isto, provavelmente, é um pouquinho mais delicado e mais polêmico.

Para alguns companheiros aqui, devo expressar minha convicção sobre isso: pode um partido, como o partido dos trabalhadores no Brasil, ou um movimento, como o movimento Solidariedade na Polônia, substituir a necessidade de um partido revolucionário de vanguarda? Penso que não e digo honestamente que a derrota na Polônia o prova, porque aí conhecemos uma grande derrota, pois não havia a preparação política para afrontar o inimigo (a preparação técnica é secundária), por não haver a consciência precisa do que se devia fazer naquele momento e de que modo.

Não havia uma estratégia de poder, porque se pode negar o poder vigente (como o fizeram os companheiros anarquistas, muitas vezes, na Espanha) e a necessidade de poder, o poder, porém, não se nega. O poder se toma, e se os trabalhadores não o fazem, outros o fazem e o utilizam contra os trabalhadores.

Somente a espontaneidade trabalhadora, sem resolver as questões políticas de poder, não conduzirá à vitória em nenhum lugar do mundo. E não os vão conduzir ao poder, tampouco no Brasil, ou na Polônia.

Por isso, estamos sempre a favor da combinação, da correlação, da coincidência de ambos: a auto-organização da massa trabalhadora deve ser a última palavra. Nós não estamos a favor de um partido revolucionário que substitua os conselhos dos trabalhadores ou os sindicatos para tomar decisões, todavia, estamos a favor de um partido revolucionário combatendo abertamente no interior da classe trabalhadora, auto-organizada, voltada para soluções políticas, econômicas, sociais e culturais necessárias à tomada e defesa do poder dos trabalhadores, porque sem essa discussão, sem essa clarificação e sem essa vitória política, o poder não será tomado e nem defendido.

9. Nesse processo que você qualificou como recomposição orgânica do movimento de massa da classe trabalhadora, a nível internacional, qual o papel da 4.^a Internacional? Ela é o centro desse processo? Sua única possibilidade?

Ela é parte desse processo e você, portanto, viabiliza outra forma de organização política superior?

Partindo do pressuposto que, desde 1953, há divisões no interior do movimento trotskista internacional e que hoje algumas correntes trotskistas propõem a realização de uma conferência mundial, qual a sua posição sobre isso?

Bem, a primeira parte da pergunta já respondi anteriormente. Eu vou repetir o que foi dito em resposta à última pergunta. Consideramos que o processo de recomposição orgânica do movimento trabalhador é altamente progressista, muda totalmente as relações de força no interior do movimento operário e entre o capital e o trabalho assalariado. Neste aspecto, apoiamos esse processo, participamos dele, tentamos ser seus melhores organizadores onde podemos fazê-lo, pois nos países nos quais não estamos presentes não há como agir, mas em todos os lugares nos quais estamos presentes, participamos com lealdade total e com convicção de que não há nenhuma oposição entre os interesses da massa trabalhadora e os da auto-organização da massa trabalhadora e os interesses dos revolucionários.

Ao mesmo tempo, como já disse, não pensamos que essa recomposição orgânica do movimento trabalhador internacional solucione o problema da consciência trabalhadora e de sua direção, quer dizer, que soluciona a crise do fator subjetivo na história, que é a base de tudo que o século presente está impondo à humanidade, como crises com rasgos de barbarie e desaparecimento.

Continuamos a tarefa de lutar e de construir um nível de consciência alto da vanguarda trabalhadora, de organizações revolucionárias, quadros revolucionários, militantes revolucionários que encarnem esta consciência mais alta que é nada mais que a experiência sintética de 100/150 anos de lutas proletárias e populares.

Continuamos a luta pela construção de novos partidos revolucionários de massa e de uma nova internacional revolucionária de massa, o que, de nenhuma maneira, será resolvida pela reorganização ou recomposição orgânica da massa trabalhadora.

É nesse processo de construção de novos partidos revolucionários que consideramos a 4ª Internacional, somente com um primeiro núcleo inicial. Nossa pretensão é muito maior que aquela dos companheiros que estão satisfeitos com grupos ou grupinhos de algumas centenas, ou alguns milhares de membros. Nossa ambição é ver nascer, crescer e desenvolver-se partidos revolucionários com dezenas de milhares de membros, e em alguns países, centenas de milhares de membros, o que é absolutamente necessário para dirigir um processo revolucionário em um grande país. Nesse sentido, como somos realistas e não ficamos sonhando, pois bem o demonstra a 4ª Internacional. Entretanto, é pouco provável que se chegue a esse final recrutando

um por um, novos militantes. Não há nenhum exemplo, na história, de organizações com 500 membros que cheguem a 200 mil, recrutando gente individualmente. Isto não existe, e não vai existir nunca. Isto quer dizer que o processo de crescimento de partidos revolucionários de massa vai ser um processo de unificação, de reagrupamento, de núcleos revolucionários existentes hoje e de novas correntes revolucionárias que irão surgir ainda, sendo que deles sairão dos atuais partidos tradicionais.

Impossível pensar, para dar dois exemplos, que na Itália vai surgir um partido revolucionário de massas sem participação de milhares de representantes do partido comunista italiano de hoje. É impossível pensar que na Inglaterra vai haver um partido revolucionário de massa, sem participação de milhares de militantes que são militantes do Partido Trabalhador de hoje. Posso dar muitos outros exemplos de muitos outros países. Face a tudo isso, somos muito modestos e consideramos que somos pequenos, um 1º núcleo ainda, mas participantes desse processo. Pois esse é um processo real, é o processo onde se encontra a experiência e a prática da luta de classes e da luta anti-imperialista cotidiana. E da luta camponesa também porque pela primeira vez na história da 4ª Internacional, pelo menos em 3 países e, especialmente, no México, nossos companheiros mostraram-se capazes de dirigir grandes lutas camponesas e de organizar grandes massas camponesas sob sua direção e de conquistar a hegemonia proletária sobre o campesinato, por praticar o leninismo, não apenas no papel, nas cartas, nos livros, como também nos panfletos.

Repito: é um processo real, um processo prático e por isso as conferências de discussão ou de confrontação me parecem pouco, muito pouco, produtivas.

Se há organizações revolucionárias que assumem um trabalho comum, que na prática conquistem uma experiência comum de intervenção nas lutas de massa, a unificação é muito fácil. E o expressam o fato de que, quando há congressos e discussões, as velhas diferenças desaparecem. Há discussões e surgem diferenças novas, porém são resultado da prática comum e não das velhas diferenças e discussão de 30 anos, daquilo que foi dito em 53, em 17 e daquilo que foi escrito em 23. Estes possivelmente são de grande importância teórica e histórica, porém não têm muita relação com a experiência de intervenção nas lutas operárias e populares correntes, e por essa experiência comum, conferências são momentos de confrontação ideológica e por isso não são necessárias, pois confrontação ideológica se pode fazer em discussões públicas, debates, polêmicas e revistas teóricas. Sou favorável a muitas discussões e considero que, para isso, não há necessidade de tantos congressos.